



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“LER, ESCREVER E CONTAR SERÃO OS MEIOS, A LAVOURA O FIM”:
EDUCAÇÃO E INFÂNCIA NO LIVRO JOÃO PERGUNTA OU O BRASIL SÊCCO DE NEWTON CRAVEIRO (1920-1930)**

Bianca Nascimento de Freitas*

Se a educação é a preparação do homem para viver no meio a que se destina, qual o paiz a que a nossa escola primaria destinaria o nordestino? Ao Nordeste, é certo não seria. No Nordeste luta-se contra a secca, e a escola primaria nunca cogitará do calamitoso phenomeno climaterico, que omittia mesmo do programma; no Nordeste vive-se da lavoura e da pecuária, quase exclusivamente, e ella orientava para o literatismo. Precisávamos de lavradores; dava-nos rhetoricos. Precisávamos de homens rijos; dava-nos moluscos.¹

O trecho acima foi retirado do livro de leitura intitulado João Pergunta ou O Brasil Sêcco publicado no Ceará em 1923 e escrito por Newton Craveiro. Buscando por um lado afastar o verbalismo desnecessário da escola nordestina e por outro construir as bases de uma educação voltada para a realidade prática e, portanto, útil para as crianças, Craveiro pensou um livro de leitura que era ao mesmo tempo um compêndio para professores. Esse artigo tem como objetivo central pensar as representações de infância

* Discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa História e Documento: Reflexões sobre Fontes Históricas – GEPHD, do diretório de grupos do CNPq. E-mail: nf.bianca@gmail.com.

¹ CRAVEIRO, Newton. **João Pergunta** ou O Brasil Sêcco. Fortaleza: Typ. Progresso, 1923.p.7)

produzidas no livro de leitura João Pergunta de Newton Craveiro e suas relações com a preparação para o trabalho no Nordeste. Para tanto, faz-se necessário a princípio entender questões como a diferença entre instrução e educação tão latentes no Brasil daquele momento, bem como de que modo era entendida a finalidade da escola pública por intelectuais que corroboravam com o pensamento de Newton Craveiro, como seu conterrâneo, Frota Pessoa e o próprio Lourenço Filho, figura de notável importância para a escrita do livro aqui abordado. A escrita de *João Pergunta* situa-se dentro de uma realidade mais ampla, envolto entre teias de relações que ultrapassavam as fronteiras do Nordeste para se fazerem perceptíveis no Brasil como um todo.

1- QUAL A FINALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA NO BRASIL? O ENSINO PRIMÁRIO E AS DISCUSSÕES SOBRE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO NOS ANOS 20

As mudanças implementadas na escola brasileira na década de 1920 demarcam a passagem do que Jorge Nagle denominou entusiasmo pela educação para o chamado otimismo pedagógico. De acordo com Nagle em seu estudo *Educação e Sociedade na Primeira República* o primeiro conceito estaria ligado a uma expansão do acesso a educação pelos diversos estratos sociais; já o segundo se refere a um crescimento qualitativo da educação, oferecida a população com o incremento de novas técnicas de ensino no campo da pedagogia moderna. O otimismo pedagógico teria propiciado um empenho mais intenso na melhoria do ensino primário, se fazendo necessário também um investimento na formação de professoras, já que, sobre estas, recaía a responsabilidade de instruir os filhos da nação (ALVES, 2009).

O acesso a escola pública, pensada para atender ao maior número de crianças possível era a grande promessa de que se falava no Brasil naquele momento. Somente através da escola seria possível tornar realidade o sonho de inserir o Brasil no grupo das grandes civilizações modernas. É nesse momento que a atenção para a escola e o discurso voltado para ela enquanto instituição formadora da nação ganha corpo, especialmente no que se refere à educação primária. Este setor do sistema educacional tem os olhares dos principais educadores do momento, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930, concentrados sob si. É na educação popular, como se convencionou chamar a educação primária, que recaíram as atenções no início da república. No Brasil o índice de analfabetismo, considerada a grande doença social do país nos primórdios do período republicano,

chegava a quase 80%, daí a urgência de um investimento na educação popular já que esta era a principal responsável pela alfabetização do povo.

A discussão acerca da clientela da escola primária brasileira suscitava também outras questões como a elaboração dos programas explorados por essas instituições que perpassavam também os debates acerca da diferença entre instruir e educar. São muitos os artigos publicados em jornais e mesmo em discursos e livros que buscavam explanar a comunidade educacional a diferença entre instrução e educação. Esta seria ligada ao ato de inculcar valores, isto é, preparar as crianças moralmente, formá-las o caráter. Por outro lado, a instrução seria um subsídio da educação, os ensinamentos de matemática, língua portuguesa, desenho e demais disciplinas dos programas escolares seriam importantes, porque estimulavam as faculdades mentais, mas seriam apenas subsídios do processo educacional. A instrução deveria estar voltada para a vida prática, para a formação do intelecto. Educar era, portanto, ir além da instrução precisando-se, para isso levar em consideração as particularidades do indivíduo. Desse modo, por mais instrumentalizada que a criança fosse dentro do ambiente escolar, de nada valeria se não estivesse preparada para viver entre seus pares de modo harmonioso.

Essa cisão, contudo, era ao mesmo tempo problemática. Se sobre a educação primária deveria recair o máximo de atenção em virtude de sua clientela e a educação deveria ser priorizada sobre a instrução, como realizar tal empreendimento com um ensino que, distante do chamado verbalismo, priorizasse a realidade do educando? Podemos constatar que, por mais que se fosse frisada a importância de uma educação moral que, pelo menos a nível teórico, enfatizasse a importância da educação primária, predominou nas escolas brasileiras o entendimento de que, havendo poucas chances de ascensão social, dever-se-ia preparar as crianças pobres para permanecer na realidade em que se encontravam, atuando especificamente no aperfeiçoamento de suas funções no mundo do trabalho.

A educação ofertada pela escola primária estava no entendimento de intelectuais como Frota Pessoa², desvinculado da realidade, pois conscientemente era sabido que o

² José Getúlio da Frota Pessoa nasceu em Sobral no Ceará em 2 de novembro de 1875, mas mudou-se para o Rio de Janeiro em 1893 ao terminar o curso secundário. Formou-se em engenharia pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e posteriormente graduou-se na Faculdade de Direito, tendo exercido a profissão por alguns anos. Em 1933 começou a escrever na coluna Educação e Ensino no *Jornal do Brasil* no Rio de Janeiro, onde permaneceu atuante até sua morte em 1948. Frota Pessoa foi diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro tendo escrito obras como *A Educação e a Rotina* (1924) e *Divulgação do Ensino Primário* (1928).

ensino popular, destinado a classe mais baixa da população, deveria possibilitar a preparação desta para o trabalho³, ainda que não se tratasse do ensino profissionalizante. Não se tratava, porém, de promover a crença em uma diferença entre ricos e pobres, pelo menos não oficialmente, mas de perceber que o fato de os filhos das elites estudarem na mesma escola freqüentada por seus empregados faria da própria escola um lugar de estranhamento que por si só conduziria os menos abastados a evasão escolar. Isso porque os programas escolares estavam deslocados da realidade, fazendo com que as crianças pobres, classificadas como mentalmente e fisicamente inferiores, fandassem por ser prejudicadas. Logo, seriam quatro ou seis anos de investimento estatal jogados fora, pois a vida que brevemente iniciariam as crianças menos abastadas não seria outra que não a mesma de seus pais.⁴

Esse pensamento poderia ser constatado quando se discutia o ideal de escola para as crianças nordestinas, observava-se o ambiente, a realidade do meio físico, mas não se falava em uma educação moral propriamente dita, mas na educação (lê-se instrução) para a luta pela vida. Isto é, a escola estaria muito mais ligada a um espaço onde as crianças aprenderiam a viver como adultos no futuro. Não se pensava muito nos cuidados com a infância como estágio isolado, mas como fase sempre atrelada ao futuro, isto é, priorizava-se a preparação das crianças para o mundo do trabalho⁵, como podemos perceber em matéria publicada pelo jornal O Nordeste:

É indispensável que nas escolas ministremos os conhecimentos, as matérias, as noções, os conceitos, os sentimentos, as tendências

³ Como já mencionado anteriormente, o ensino primário, não apenas no Ceará, mas a nível nacional frisava a construção de uma educação para o trabalho. Em 1929, por exemplo, ocorreu em Fortaleza uma conferência organizada pela Associação Brasileira de Educação intitulada *O trabalho na colectividade e na formação do carácter*, reforçando o trabalho enquanto elemento racionalizador da vida. Dentre os membros participantes da Associação Brasileira de Educação temos Cecília Meirelles, Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Roquette Pinto e Sampaio Dória. O Nordeste. 11/05/1920.

⁴ Sobre esse assunto Frota Pessoa escreveu: Ora, sucede ainda que para esta categoria de alumnos, esse ensino é inútil. A vida em que em breve entrarão, que é a mesma de seus pais, não requer esses conhecimentos especiaes e abundantes (...) Essa diversidade deveria logicamente determinar dois grãos de instrução, convinhaveis a cada espécie de educandos: a escola de rudimentos essenciaes, summarios, em que o alumno, com economia de tempo e trabalho mental, aprendesse o que precisa para sua existencia modesta, e a escola de conhecimentos integraes, para os que pretendem exercer as profissões em que o cérebro é o instrumento principal- aquella disseminada e multiplicada, esta rara e espaça. FROTA PESSOA. **A educação e a rotina**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1924.

⁵ Entende-se aqui criança e infância como termos de significados distintos. A criança é entendida como o sujeito que vivencia o estado da infância enquanto etapa da vida, assim como se vivencia, por exemplo, a vida adulta e a velhice. Da mesma maneira, há crianças que não vivenciam a infância, pois desde cedo são inseridas no mundo dos adultos por meio do trabalho, como era o caso, via de regra, das crianças pobres das escolas primárias nordestinas.

apropriadas, a fim de que o ensino tenha sempre uma finalidade útil e imediata. Esse lado da questão não é como o da quantidade, quase que resolvido exclusivamente pelo dinheiro. Não é só uma questão de maior dotação.

(...) A falta de escolas deixa por ahi analfabetos. As más escolas produzem semi-letrados, quase tão incompletos e falhos como analfabetos.⁶

A criança deveria ser preparada desde pequena para atuar no meio em que vive, variando o tipo de instrução com a realidade social e econômica da família e conseqüentemente da própria criança. Falava-se da educação como meio de transformação imediato e não na formação em longo prazo, ao passo que tal entendimento estava vinculado, como já dissemos, ao modo de se conduzir o ensino nas escolas públicas.

2- “O QUE SE DEVE ENSINAR EM NOSSA ESCOLA PRIMÁRIA”⁷: INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO EM *JOÃO PERGUNTA OU O BRASIL SÊCCO* DE NEWTON CRAVEIRO

O debate em torno dos campos educação, infância e trabalho, assim como em outros estados brasileiros, obtiveram grande repercussão também no Ceará, sobretudo após o movimento que buscou reformar a escola primária cearense no início da década de 1920, tendo como Diretor da instrução Pública do Estado, Manuel Bergstrom Lourenço Filho. Da Reforma foi criado como material didático especialmente dirigido as crianças nordestinas, o livro de leitura intitulado *João Pergunta ou O Brasil Sêcco*. O autor do livro era Newton Craveiro, nascido em maio de 1893 no município de Sobral no Estado do Ceará onde apresentou grande atuação, sobretudo nos jornais locais, ora assumindo o papel de jornalista, ora escrevendo textos relacionados aos campos da cultura e educação e ocupando também os cargos de redator chefe nos jornais *A Ordem* e *O Nortista*, ambos em Sobral. ⁸Tendo este município se tornado sede da terceira entrância ou região do ensino com a política de descentralização da administração escolar do Estado, Newton Craveiro foi designado para assumir a função de delegado do ensino. Nesse posto, Craveiro tinha sob sua responsabilidade a fiscalização do ensino nas escolas

⁶ Trecho da matéria Analfabetos e Semi- Letrados publicada no jornal O Nordeste em 17.07.1929.

⁷ CRAVEIRO, Newton. **João Pergunta** ou O Brasil Sêcco. Fortaleza: Typ. Progresso, 1923.p.8)

⁸ GIRÃO, RAIMUNDO. O Ceará. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966. P. 516.

primárias da área delimitada⁹. Durante a realização da Reforma Educacional no Ceará, Newton Craveiro desempenhou um papel de destaque ao lado de Lourenço Filho, sobretudo nas discussões referentes a finalidade da educação.

No prefácio da primeira edição de João Pergunta Newton Craveiro soube muito bem explorar tal entendimento acerca da educação popular, chegando a alertar os leitores de sua obra sobre as possíveis críticas que receberia enquanto educador por tentar inserir a preocupação com o trabalho no âmbito da educação primária.¹⁰ Newton Craveiro apresentou sua obra em 1923 como um “ensaio de livro de leitura, filho da reação contra o verbalismo do ensino”. Como escrito destinado à criança nordestina, tratava-se de um exercício para as indústrias rurais, de onde provinham as maiores riquezas das terras do Nordeste. Era também, além de livro de leitura para crianças, um manual para professores, pretendendo encaminhar os alunos da escola primária nordestina às profissões rurais por meio de histórias elaboradas em linguagem para crianças.

Craveiro corroborava com a idéia de que a escola primária deveria preparar a criança para a vida e sendo, pois, seu público alvo a criança nordestina, esta deveria ser orientada para viver na lavoura. Mesmo antes da elaboração de um programa mais específico de ensino rural no Ceará,¹¹ o livro de Craveiro inserido na vertente da pedagogia moderna e influenciado pelo ruralismo pedagógico dos anos 1920, chamava atenção para o desenvolvimento de uma educação utilitarista, que tivesse como finalidade

⁹ A terceira região ou terceira entrância correspondia aos municípios de Sobral, Camocim, Acarahú, Sant' Anna, Pentecostes, Canindé, União, S. Bernardo das Russas, Limoeiro, Icó, Crato, Iguatú, Granja, Viçosa, Lavras, S. Benedito da Ibiapaba, Ipú, Maria Pereira, Pedra Branca, Morada Nova, Jaguaribe Mirim, Pereira, Cachoeira, Aurora, Barbalha, Cedro e Juazeiro.

¹⁰ A escola que deveria se preocupar com a formação para o trabalho de maneira efetiva era a escola profissional, combatendo o bacharelismo que, segundo Frota Pessoa, era a “anemia da Nação”, sendo a educação profissional o antídoto para esse mal. Por meio do ensino profissional se prepararia diretamente o cidadão para a o exercício de um ofício, o que garantiria mão de obra ativa para o país e o conseqüente crescimento de sua economia. No Ceará o discurso de uma escola utilitarista se fortaleceu bastante, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930 quando se intensificaram as experiências envolvendo a pedagogia moderna. Apesar de intelectuais e governantes reconhecerem que na educação profissional se concentrava a “segurança e o bem estar das classes proletárias”, admitia-se também que o ensino profissional no Ceará era pobríssimo, apesar de sua influencia sobre as atividades agrícolas e industriais. (Ver: Mensagem Presidencial, José Moreira da Rocha. 1925. P.27-28).

¹¹ O primeiro estabelecimento direcionado especificamente para a educação rural seria a Escola Normal Rural de Juazeiro, fundada em 1934, que tinha como objetivo a formação docente para o campo, não somente no que se refere a práticas agrícolas, mas também a higiene e profilaxia rural. A Escola Rural de Juazeiro além de ser a pioneira neste estilo no Ceará, é considerada também a primeira no Brasil a objetivar a permanência do homem no campo por meio do ensino, tendo funcionado até 1946.

prática o aperfeiçoamento de conhecimentos do trabalho agrícola: o estudo do solo, das plantas, métodos de cultivo, profilaxia rural, costumes regionais, e etc.

A escola primária na visão de Craveiro deveria fornecer alguns recursos concedidos pelo ensino profissional, condicionando as crianças para a vida prática. Contudo, o modo como estava sendo conduzido o ensino popular desagradava o intelectual sobralense, visto que os programas de ensino tornavam quase nula qualquer aptidão que as crianças nordestinas tivessem para a vivência com o meio. Acreditava-se que o problema da escola primária do Nordeste, ainda que fossem limitadíssimos os investimentos sobre ela, não se tratava necessariamente de dinheiro, mas da falta de sensibilidade para construir objetivos úteis na educação da criança nordestina:

Conclue-se que a função de nossa escola primária é preparar para a vida e não para as escolas superiores, como faz o gymnasio, sem que a experiência atual o justifique; é dar uma educação posto que inferior, integral; é, em última análise, formar o soldado do pret da lavoira. Si funcionasse em um meio onde se vivesse das minas, engendraria o pequeno mineiro; se em um meio onde se vivesse da pesca, arranjaria a estrutura de um pequeno pescador. Como, porém, funciona no Nordeste, onde a regra geral da vida é a lavoira, terá, de ser por força da lógica e das circunstâncias, uma escola agrícola. (CRAVEIRO, 1923.p.9-10).

A epígrafe de abertura desse artigo, trecho da primeira edição de João Pergunta, sintetiza bem as pretensões de Craveiro quando da escrita de seu trabalho. Os livros escolhidos para a escola primária cearense, a maioria encomendados por Lourenço Filho e em uso nas escolas de São Paulo, não satisfaziam ao inspetor regional do ensino. A escola primária cearense se encontrava em descompasso com a vida da maioria da população do Nordeste, preocupando-se em formar literatos e não homens fortes e probos para o trabalho. Sem o mínimo de preocupação aparente com as críticas que poderiam vir a aparecer após o lançamento de seu livro, Newton Craveiro disparou suas idéias e justificou a escrita de um livro de leitura direcionado especificamente para as crianças do Nordeste Brasileiro:

Ensina-se a criança aquilo que teria de fazer o adulto. Que faz a criança nordestana quando se torna homem? Luta contra a seca. Todos os que nascem nessa região semi-árida, terão de justar contas com mais de uma sêca. Em 100 anos, temos 9: 3 grandes e 6 pequenas, além de invernos escassos sem conta- demonstram as estatísticas. Se sabemos, pois, que a aridez periódica é uma coisa fatal; se sabemos, ainda, que mais de dois terços da população geral do Nordeste, vive da lavoira e da pecuária, não é preciso se dizer o que se deve ensinar em nossa escola primária (CRAVEIRO, 1923.p.8).

De acordo com Craveiro, a escola nordestina deveria preparar as crianças para desde cedo conviverem com a seca, uma vez que esta era irreversível neste território. A escola primária nordestina não poderia tornar o Nordeste uma terra distante de suas crianças, pois era preciso instruí-las e educá-las para desenvolvê-lo. Daí a temática geral das lições de *João Pergunta* como a intitulada *Açudes de homem*, onde o menino João Pergunta em parceria com outros amigos constrói pequenas barragens durante uma brincadeira para guardar a chuva por ocasião da seca. Por meio dessa experiência vivenciada pelos personagens é ensinada na escola a importância dos açudes para o Nordeste Brasileiro:

Se não se fizerem barragens para prender as águas da chuva, estas cêdo irão ter ao mar, deixando a terra flagellada. Será a fome e a miséria. Vocês agora constroem barragens de meninos, para o futuro construirão barragens de homens. Os meninos tapam vallas, os homens barram rios. (CRAVEIRO, 1923.p.89)

Nessa lição Dona Luiza, a professora da escola de João Pergunta, explica as crianças que em terras secas como as do sertão nordestino, os açudes são uma alternativa para a população que sofre com estiagens periódicas. Na ocasião, Dona Luiza apresenta também, como grande responsável pela construção de açudes do Nordeste o presidente Eptácio Pessoa, “um filho do Nordeste” que por amor a Pátria e por conhecimento do sofrimento dos nordestinos, se dedicou a promover a construção de açudes durante o seu governo.¹² É interessante lembrar que a construção de obras como os açudes citados nesta lição é tomada como símbolo de amor ao Brasil, já que por meio deles seria possível se desenvolver economicamente o país, multiplicando suas riquezas. Nesse sentido, a luta por uma educação voltada para o meio tornava-se também dever patriótico, pois era

¹² Quando João Pergunta ou O Brasil Sêcco foi lançado em 1923, Eptácio Pessoa ainda ocupava o cargo de presidente da República, tanto que na primeira página do livro de Craveiro há um brasão desse governante. Sobre as obras públicas na região Nordeste do Brasil, Eptácio Pessoa em sua mensagem de 1922 afirmava: “Auxiliar o homem que se retira, tangido pela necessidade, depois que perdeu as suas plantações e vio morrer o seu gado, é o primeiro passo da luta contra os efeitios das seccas: as vias de comunicação, estradas de ferro e de rodagem, são as obras indicadas. Fortalecer o homem na terra em que se estabeleceu nos tempos de regularidade climatérica, dar-lhe, com a accumulacão das águas excessivas dos anos chuvosos meios de fazer agricultura, ainda que não chova, é o segundo passo: açudes profundos que se conservem nas maiores seccas e barragens de irrigacão passam a ser então as obras apropriadas. Quanto melhor for o systema de comunicação nas regiões semi-áridas do nordeste, mais numerosos os grandes açudes e mais vasta a extensão das terras irrigadas, tanto mais completamente se terá resolvido o temeroso problema que há tantos annos preocupa os responsáveis pelos destinos do paiz.” (Trecho da mensagem presidencial de Eptácio Pessoa. 1922.p.515)

compromisso dos intelectuais da causa educacional tornar as escolas o lugar do progresso por excelência.

Esses ensinamentos eram realizados por meio das chamadas lições de coisas, pelas quais era apresentado aos alunos um conjunto de objetos relacionados a uma temática específica para, a partir deles, se aprender a ler e a falar sobre esses mesmos objetos. As lições de coisas foram, sobretudo, nas duas primeiras décadas do século XX a grande expressão do que se convencionou chamar “Ensino Intuitivo” método pelo qual o aprendizado se dá através da observação e posteriormente da atuação concreta sobre determinadas situações. Devemos lembrar que o método das lições de coisas não se tratava de uma disciplina específica dentro dos programas escolares, mas de um processo que deveria perpassar todas as ciências ministradas no ambiente escolar. Para isso, as crianças eram estimuladas a relacionar as impressões percebidas a partir da observação de determinados objetos com a linguagem oral e escrita: “aos professores lembrará que, pelo menos na escola primária, toda lição deve ser lição de coisas. *De coisas, com as coisas e pelas coisas- deve-se entender*” (CRAVEIRO, 1923.p.10).

Sobre o método intuitivo utilizado por Craveiro, Lourenço Filho explicava por meio de uma carta de 20 de abril de 1930 a relação estabelecida entre aquele e o ensino ativo, a José Moreira da Rocha, presidente do Ceará entre 1924 e 1928. O ensino intuitivo, já citado em momento anterior, tratava de uma educação pautada na sensibilidade e capacidade de intervir em diferentes situações. Já no segundo, se sobressai a ação, a motricidade, a capacidade de agir a partir de atividades como trabalhos manuais, por exemplo, ideal muito característico da pedagogia nova. Lourenço Filho afirmava que o ensino intuitivo não se opunha ao ativo, mas o complementava, pois, se no ensino ativo as crianças precisam agir sobre determinadas situações, é preciso antes observá-la e interpretá-la. Para Lourenço Filho, João Pergunta encontra-se dentro dessa condição de transição entre ensino intuitivo e ensino ativo:

Mas, há mais, V. conhece o livrinho de Craveiro. Foi inscripto sob minha inspiração, de acordo com as novas ideas sociaes da reforma e a technica que Ella pregava. Que é esse livro?

Um livro de globalização; o primeiro que apareceu no Brasil. Na primeira edição até, cada lição era precedida de uma indicação de material e exercícios activos para os alumnos...as excursões escolares, a jardinagem, a experimentação agricola estão ahi, não em doutrina, mas em factos. O livro não é só para creanças, mas é um compendio para professores. (LOURENÇO FILHO, 1930 *apud* CAVALCANTE, 2000, p. 150).

Em cada lição as crianças são convidadas a participar de uma atividade específica tendo ao final estabelecido relações com esses exercícios. As atividades eram mais do que necessárias na obra de Craveiro, pois se tratava de uma instrução para o trabalho. As intenções de Newton Craveiro, assim como as de Frota Pessoa, são bastante claras, visavam construir uma escola que possibilitasse a instrumentalização para o trabalho agrícola, sem grandes expectativas de que as crianças que freqüentavam o ensino primário fossem chegar ao ensino secundário. Segundo Craveiro, a função da escola primária nordestina era a preparação para a luta pela vida, pela sobrevivência: Ler, escrever e contar serão os meios: a lavoura será o fim (CRAVEIRO, 1923.p.19).

Embora ainda não seja muito claro o número de edições dessa obra, sabe-se que em 1929, Lourenço Filho organizou para uma segunda edição de João Pergunta um texto mais atualizado, elaborado por Newton Craveiro antes de sua morte em 1926. Essa nova edição publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo suprimia algumas lições e acrescentava outras, bem como trazia também novos personagens. De 36 lições a obra passou a ser dotada de 40, sendo que os estudos referentes à gênese da história do Ceará foram substituídos por lições que tinham como centro de discussão a história do Brasil. Isto decorre, sobretudo, da intensificação dos debates em favor de uma educação para o campo que, já se figuravam desde a segunda metade do século XIX, embora ainda de maneira esparsa. Nas primeiras décadas do século XX a questão da educação para o campo volta a tomar fôlego. Segundo Jorge Nagle o nacionalismo representava também um meio de exaltar a terra e a gente brasileira. Contudo, o entendimento dispensado a “terra” era quase correspondente a um “conteúdo de natureza fisiocrática”. Dessa forma, “terra” se traduziu por “produtos da terra” e, por meio disso, “terra” e “agricultura” tornaram-se termos sinônimos. (Nagle, 2001.p.302)

Isso pode ser constatado na lição “Uma viagem a Trem” onde João Pergunta e seus amigos Chico Pão e Zé pretinho percorrem o sertão brasileiro passando por zonas agrícolas e pastoris. Nessa lição, é apresentado às crianças através de uma viagem de trem, símbolo da modernidade, o trabalho dos agricultores e boiadeiros e seus esforços para construir um “Brasil grande”, ao mesmo tempo em que o autor alerta para a ainda grande existência de áreas não cultivadas no Brasil, fator que impedia o progresso das terras e do povo:

(...) na carreira doida em que vai o trem, também percorre léguas de caminho onde não há uma roça, não há uma casa, não há um sinal de vida. E os meninos muito se admiram de ver tantas terras, que parecem abandonadas.

-Bem diz o vovô que no Brasil ainda há muita coisa por fazer, diz João Pergunta.

-É mesmo, acrescenta Zé Pretinho. Para entender tudo isto de roçados e fazendas de gado a gente tem é serviço!

-É para isso que nós vamos aprender na escola, não é João? Interroga Chico Pão.

-É para isso mesmo, respondeu João. Vovô disse que trabalhando no mato é que se faz o Brasil.¹³

Havia, portanto, uma preocupação latente com o trabalho, pois era por meio dele que se organizaria a sociedade brasileira, o trabalho entendido como próprio das sociedades civilizadas tinha o poder de afastar o ócio, o vício, a vagabundagem. O trabalho da criança era o estudo, pois só por meio dele se poderia construir o amor pelo Brasil e a instrumentalização necessária para se trabalhar por ele. Por outro lado, toda a riqueza da nação seria proveniente do exercício das classes trabalhadoras de modo que era necessário encontrar o melhor e mais adequado sistema de ensino para não se colocar a perder o esforço despendido sobre a educação primária. Isso não queria dizer que se privaria o desenvolvimento de outras modalidades de ensino como o superior, por exemplo. Contudo, sabia-se que a essa etapa mais elevada da escolarização só as crianças pertencentes à elite poderiam alcançar. No caso do Nordeste, seria preciso desenvolver o maior número de homens aptos a mesologia da região, aperfeiçoando seus valores morais e o gosto pelo trabalho agrícola.

Segundo Marta Maria Chagas Carvalho (1989), a educação para o trabalho estava ligada também ao ideal de fixação do homem no campo, inspirada na máxima de Getúlio Vargas “o homem certo no lugar certo”. Essa defesa se acentuaria com os trabalhos da Associação Brasileira de Educação e a valorização da chamada Escola Regional, sem, contudo, prejudicar os ideais nacionalistas necessários aos indivíduos de um modo geral. Daí, ao mesmo tempo em que percebemos as particularidades do ensino rural, a permanência de temas comuns como a preocupação com os bons hábitos e a

História Cultural

¹³ CRAVEIRO, Newton. **João Pergunta** ou O Brasil Sêcco. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1929.p.34-35).

higiene. Entretanto, na década de 1920, o ensino rural no Brasil vai apenas se estruturando, se fortalecendo para na década de 1930 adquirir mais força.

João Pergunta se trata, assim, de uma obra que, em linguagem destinada as crianças, visava a construção da educação sob a égide do trabalho, através de lições que contemplassem a realidade do educando, tendo como norteamento a categoria central do espaço: o Nordeste brasileiro ou o “Brasil Sêcco”. Escrita ainda no início da década de 1920 mostrava as preocupações do estado em transformar a escola espaço do progresso por excelência e a educação, em instrumento de desenvolvimento econômico e social. Por outro lado, o livro de Craveiro condensava as principais características da pedagogia moderna, ao mesmo tempo em que a concepção de Nordeste e do nordestino, fortemente marcadas pelo pensamento resultante da escrita de autores como Euclides da Cunha, produzia representações de sujeitos inclinados ao trabalho, tomando-o mais do que enquanto fonte de riqueza, como meio necessário de sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Raquel da Silva. **Mães da pátria: educadoras na terra da luz: o ensino primário no Ceará na década de 1920**. 2009. 234f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ARAÚJO, Pe F.S de. **História da Cultura Sobralense**. Sobral: Imprensa Universitária do Ceará, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

_____. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In, LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (org.) **A Década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. 1ª reimpressão, São Paulo: Editora da Unesp/FAPESP, 1997.

_____. **A Escola e a República**. Coleção Tudo é História. Editora Brasiliense: São Paulo, 1989.

CAVALCANTE, Juraci Maia. **João Hippolyto de Azevedo e Sá: o espírito da reforma educacional de 1922**. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

DOCUMENTOS: história e educação. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006. 203 p.

HANSEN, Patrícia. **Brasil, um país novo:** literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. Tese (Doutorado em História social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

LEI nº 1953, de 2 de agosto de 1922. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (Org.). **Documentos de política educacional no Ceará:** império e república. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 153-159.

MOTA, Francisco Alencar ; ALVES, Aline Monteiro. Newton Craveiro e o movimento da escola nova em Sobral/CE. **Revista homem, espaço e tempo**, Sobral, p. 72-88, mar. 2010.

NOGUEIRA, Raimundo Frota. **A prática pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará.** Fortaleza: Edições UFC, 2001.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

